

Ano 10, Vol XIX, Número 1, Jan-Jun, 2017, Pág. 221-243.

O ENSINO DA GEOGRAFIA DA “RE-EXISTÊNCIA” NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DO POVO ORO WARI – RO

Gustavo Gurgel do Amaral

RESUMO: Este artigo aborda a educação escolar indígena do povo Oro Wari, na aldeia de Sagarana em Rondônia. Trabalhamos com mapas mentais para um ensino de Geografia da Re-Existência - movimentos de sobrevivência indígena diante das adversidades enfrentadas em contato com o não-indígena. A partir dos conhecimentos geográficos e suas representações, os indígenas demonstram sua cultura, através do aprendizado e fortalecimento da identidade. Para realizar análises por meio dos mapas mentais, utilizamos a Metodologia Kozel (2007), para a concepção de topofilia, utilizamos os estudos de Tuan (2012), já os estudos sobre geograficidade tiveram apoio em Dardel (2011) e Claval (2012). Concluímos que os professores e alunos indígenas compreendem a Geografia através de mapas mentais que evidenciam a subjetividade, a geograficidade e a autoria por meio dos saberes e das representações Geográficas na Educação Escolar Indígena. Os sujeitos demonstraram viver a “Geografia da re-existência” que comporta o poder da recuperação e a capacidade que uma população apresenta, após momento de adversidade, de conseguir se adaptar ou evoluir positivamente frente à situação.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena. Povo Oro Wari/RO. Re-existência. Mapas Mentais.

ABSTRACT: This article approaches indigenous school education of the Oro Wari people, in the village of Sagarana in Rondônia. We work with mental maps for a teaching of Geography of Re-Existence - movements of indigenous survival in the face of adversities in contact with the non-indigenous. From the geographical knowledge and its representations, the natives demonstrate their culture, through the learning and strengthening of the identity. In order to carry out analysis through the mental maps, we used Metodologia Kozel (2007), for the conception of topofilia, we used the studies of Tuan (2012), already the studies on geograficidade had support in Dardel (2011) and Claval (2012). We conclude that indigenous teachers and students understand Geography through mental maps that show subjectivity, geography and authorship through knowledge and Geographic representations in Indigenous School Education. The subjects demonstrated to live the "Geography of the re-existence" that includes the power of the recovery and the capacity that a population presents, after time of adversity, to be able to adapt or to evolve positively in front of the situation.

Keywords: Indigenous School Education. Gold People Wari / RO. Re-existence. Mental maps.

Introdução

Abordamos, neste artigo, a Geografia da Re-Existência (movimentos de sobrevivência indígena diante das adversidades enfrentadas em contato com o não-indígena) a partir dos conhecimentos geográficos e suas representações, cuja finalidade maior é contribuir para a divulgação cultural, valorização, aprendizado e fortalecimento da identidade indígena, especificamente da Educação Escolar Indígena.

A pesquisa foi realizada no município de Guajará-Mirim, estado de Rondônia, aldeia Sagarana, juntamente com os indígenas da família linguística Xapakura, grupo linguístico Tupi-Kawahib, povo Oro Win, com o objetivo principal de descrever como se dá a relação entre o Ensino de Geografia, a Educação Escolar Indígena, a Cultura e as relações socioambientais nas etnias “re-existentes” integrantes do Povo Oro Wari.

Investigou-se, também, como os professores e alunos indígenas compreendem a Geografia através de mapas mentais produzidos pelos indígenas. A relação entre o Ensino de Geografia, a Educação Escolar Indígena, a Cultura e as relações socioambientais nas etnias “re-existentes” integrantes do Povo Oro Wari da aldeia Sagarana em Guajará-Mirim-RO dão aos indígenas a possibilidade de colocarem-se como autor de sua própria história. Os professores e alunos indígenas compreendem a Geografia através de mapas mentais que evidenciaram a subjetividade, a geograficidade e a autoria por meio dos saberes e das representações Geográficas na Educação Escolar Indígena. Os sujeitos demonstraram viver a “Geografia da re-existência” que comporta o poder da recuperação e a capacidade que uma população apresenta, após momento de adversidade, de conseguir se adaptar ou evoluir positivamente frente à situação.

Geografia da Re-Existência

A expressão “Geografia da re-existência” e seus derivados, utilizada neste artigo, constitui-se em um neologismo¹ criado com a finalidade de definir os movimentos de sobrevivência indígena diante das adversidades enfrentadas em contato com o não-indígena.

A concepção de Geografia utilizada é a da Geografia Humanística, embasada na fenomenologia, que busca valorizar os conhecimentos e experiências do sujeito ou do grupo, tendendo a compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares (CHRISTOFOLETTI, 1985).

O elo afetivo entre a pessoa e o lugar, é uma experiência pessoal vivida. As relações com o Lugar: a Topofilia de Tuan (2012) é a percepção, as atitudes e os valores envolvidos na relação entre os seres humanos e o meio ambiente. Para cada indivíduo existe uma visão de mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores com relação ao meio ambiente.

Re-Existência

Com o propósito de esclarecer a criação do termo, propomos uma reflexão acerca do prefixo (re-). De origem latina, o prefixo (re-) pode ter três sentidos:

1. **Repetição**, como em “*recapear*” (tornar a capear), “*recapitalizar*” (tornar a capitalizar), “*recarregar*” (carregar de novo), “*repisar*” (pisar de novo, repetir), “*reler*” (voltar a ler), “*repaginar*” (paginar novamente), “*renumerar*” (numerar de novo alterando a sequência ou a ordem dos números), “*rever*” (ver de novo), “*repensar*” (pensar novamente reconsiderando), etc. Observamos que em certas palavras esse prefixo não tem apenas o significado de repetição: algum outro traço semântico é adicionado ao significado do verbo ou do substantivo derivado.
2. **Reforço**, a exemplo de “*rebuscar*” (buscar minuciosamente), “*rejubilar*” (causar muito júbilo, alegria), “*revidar*” (de “re + envidar”: responder ofensa com outra maior), “*revigorar*” (aumentar o vigor), “*revirar*” (virar muitas vezes), etc.
3. **Retrocesso, recuo**, como em “*reflorestar*” (recompôr a floresta), “*reiniciar*” (voltar ao início), “*retornar*” (voltar para o ponto de partida), etc².

¹ Neologismo é o emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não. Pode também ser a atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua.

² Site: <<http://www.pauloherndes.pro.br/dicas>>. Acesso em 20/11/2015.

Interessa-nos todos os sentidos: repetição (existir/resistir de novo), reforço (existir/resistir com vigor, muitas vezes), retrocesso, recuo (existir/resistir voltando ao início, ao ponto de partida, recompondo). Sendo prefixo ou sintagma, o “re” tem excelente carga semântica, é polissêmico e de altíssima produtividade, a ponto de podermos explicar sintética e facilmente alguns fenômenos com o seu uso.

A fim de não confundir com a palavra “reexistência” (sem hífen) entendida como reencarnação, nova vida, e contrariando a regra do novo acordo ortográfico que afirma “O prefixo re-, de acordo com o Instituto Houaiss e a Academia Brasileira de Letras, continuará sendo utilizado sem hífen”, é que justificamos o neologismo em “re-existência”. A expressão busca efeitos de sentido em duas raízes verbais: existir e resistir, já que a re-existência é, ao mesmo tempo, existir resistindo, assim como “resiliência” - capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças, de suportar as enfermidades, a violência, o abandono, a exploração, a fome, o esforço a fadiga; recusar a submeter-se à vontade de outrem; reagir, se opor.

Assim, a “Geografia da re-existência” comporta o poder da recuperação, capacidade que uma população apresenta, após momento de adversidade, conseguir se adaptar ou evoluir positivamente frente à situação. A geografia e a re-existência juntam-se em espaços, movimentos e ações que podem ser entendidas na metáfora popular “Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”. Se existir significa estar vivo e resistir, conservar-se vivo; não sucumbir, não ceder, re-existir (ou re-existência) é, para nós, a melhor forma para explicar a geografia humana e cultural dos povos Oro Wari, da aldeia Sagarana.

Enfim, cabe ressaltar que os prefixos explicam muita coisa, porém, às vezes, não é possível reconhecer imediatamente seu valor: uns são transparentes, porque produtivos e o seu significado é óbvio, outros são ambíguos, redundantes e até contraditórios. Cabe, então, uma explicação pela opção do termo: re-existência, aplicado ao contexto indígena é um “não desistir”, insistir, continuar lutando. Re-existindo. Portanto, a re-existência indígena é, sim, uma “nova existência”, no sentido de mudança, resiliência e não no sentido de reencarnação. A re-existência tratada nesta tese

quer mostrar o lugar e a posição que os indígenas ocupam, uma ressignificação cultural e histórica.

Oro Wari Sujeitos Re-Existentes

“Oro” é uma partícula coletivizadora, que pode ser traduzida como 'povo', 'grupo'. Wari’ é uma expressão txapakura, não exatamente uma autodenominação, “mas um classificador amplo que define os seres humanos, wari’, em oposição aos não-humanos (animais, inimigos, etc.)” (VILAÇA, 1992, p.11) é como os indígenas, preferem ser chamados, é o nome que conta com a aprovação deles e significa “nós”, “gente”. Já a expressão Oro Wari’, segundo a linguista Barbara Kern (1996), significa “todo mundo” ou “todas as pessoas”. É com este sentido que nos referimos a eles.

Para a FUNAI, “o principal grupo indígena da região da Coordenação Regional de Guajará - Mirim, RO, é denominado de "Pacaás Novos", devido ao rio Pacaás Novos que corta a região”³. No entanto, os indígenas dessa etnia se autodenominam povo "Oro Wari" e são a grande maioria.

As autodenominações, na verdade, referem-se aos nomes dos oito subgrupos nos quais os Oro Wari’ se dividem: Oro Nao’. Oro Eo, Oro At, Oro Jowin, Oro Mon, Oro Waram, Oro Waram Xijein e Oro Kao’OroWaji. No entanto, Vilaça (1992) apresenta mais três grupos, dizendo que, atualmente, os Oro Jowin, Oro Kao’ Oro Waji estão praticamente extintos e que o restante dos seus membros foi absorvidos pelos outros subgrupos

Os Oro Wari, eram conhecidos antigamente como Pakaa Novo (ou Pakaa Novos, Paca Nova), “foram mencionados pela primeira vez na literatura no final do século XVIII, pelo Coronel Ricardo Franco supostamente, por terem sido vistos pela primeira vez no rio de mesmo nome”. (VILAÇA, 1992, p. 11).

Sendo assim, entendemos que os Oro Wari compõem um dos raros e “re-existent” grupos da família linguística Txapakura.

A origem dos Oro Wari está relacionada com as migrações dos índios Morés que podem ser remanescentes dos grupos que migraram ao longo do rio Mamoré, “atravessaram o rio e se fixaram em alguns de seus afluentes da margem direita, onde

³ Fonte: <<http://www.funai.gov.br/index.php/apresentacao-guajara-mirim>> Acesso em: 21/11/15.

estão, até hoje, os Pacaás-Novos, a única sociedade txapakura em território brasileiro” (MEIRELES, 1989, p.46).

Para Curt Nimuendajú (1981), o núcleo geográfico dos povos Txapakura pode ter sido em seu médio e baixo curso, nas duas margens do Rio Guaporé. Muitos dos povos Txapakura tiveram contato com o “homem branco” já no século XVII; viveram em missões espanholas e portuguesas, aliaram-se aos não-indígenas, fugiram e foram capturados ou foram exterminados por epidemias e até por ataques armados, conforme notícia alguns sites⁴.

Os Oro Wari, na década de 50, ocuparam geograficamente três regiões, na margem direita do rio Mamoré e dos seus contribuintes: ao norte, na área dos rios Ribeirão e Lage, estariam os Oro Mon, os Oro Waram Xijein, e os Oro Waram; ao sul, próximos aos rios Negro, Ouro Preto e Ocaia, estariam os Oro Nao’, Oro At e Oro Eo; no início do século XX, um terceiro grupo teria se formado quando famílias Oro At, Oro Nao’ e Oro Eo cruzaram o rio Pacaás Novos, situaram-se nas áreas próximas ao rio Novo e ao igarapé Dois Irmãos, contribuintes da margem esquerda do Pacaás Novos. (CONKLIN, 1989)

Um fato que impressiona na história Oro Wari foi a capacidade de eles se manterem isolados por tanto tempo, apesar da presença de colonizadores na região. Embora os primeiros contatos tenham sido feitos ainda no século XVIII, até o início do século XX, a falta de registros a respeito do grupo e os relatos de sucessivas expedições não voltam a registrar sua presença, mesmo em áreas provavelmente percorridas por eles (VON GRAEVE, 1989). Isso ocorreu, por vontade própria, os Oro Wari evitaram o contato com outras populações e, de acordo com as suas tradições, viviam junto a pequenos rios e igarapés, afastados das principais bacias hidrográficas. Esses fatores foram decisivos para a sobrevivência dos Oro Wari; enquanto diferentes outros povos da região foram extintos ou tiveram suas populações de maneira drástica diminuídas no mesmo período. É possível que essa estratégia diminuísse a mortalidade resultante não apenas dos conflitos diretos, mas também do contato com doenças infecciosas de caráter epidêmico, trazidas pelos não-indígenas. Mesmo assim, os Oro Wari experimentaram uma drástica redução populacional.

⁴ Fonte: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/wari/860>> Acesso em: 21/11/15

Não foi possível precisar a proporção da mortalidade, já que os subgrupos contatados no processo de ‘pacificação’ já haviam sido afetados pelas perdas decorrentes tanto dos conflitos como das doenças, algumas estimativas apontam para uma redução populacional de 60%, conforme demonstram Conklin (1989); Meireles (1986) e Von Graeve (1989).

À medida que o contato com os não-indígenas não poderiam mais ser evitado, sendo até desejado, um tipo de conduta peculiar dos Oro Wari’ foi lesivo à sua sobrevivência: quando eram acometidos por enfermidades, dificilmente permaneciam junto aos postos, retornando para a floresta. Isso possibilitava a introdução e a disseminação das doenças infecciosas entre seus parentes, da mesma forma, como acontecia quando entravam em contato com seringueiros, diretamente ou por meio de seus utensílios e alimentos. É o que nos conta Vilaça (1992), reforçando que aqueles que partiam, justamente pela tentativa de isolamento, sofriam as maiores perdas populacionais.

A história dos Oro Wari está também intensamente ligada ao extrativismo do látex na região, principiada ainda no século XIX e fortalecida no período da Segunda Guerra Mundial. A região vinha sendo gradativamente ocupada (invadida?) por seringueiros durante a segunda metade do século XIX, mas é a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré que acaba por colocar em contato os não-indígenas com os Oro Wari.

Iniciada sua construção no começo do século XX, a ferrovia ligaria Santo Antônio do Madeira a Guajará-Mirim, contornando/desviando dos obstáculos (corredeiras, cachoeiras e saltos) que impediam o transporte fluvial no trecho entre o rio Madeira e o rio Mamoré. O trajeto da ferrovia passava pelo território percorrido pelos Oro Wari, junto aos rios Ribeirão e Lage. O primeiro registro sobre o grupo nessa época teria acontecido em 1910, quando algumas crianças teriam sido capturadas e levadas a Porto Velho (VON GRAEVE, 1989).

A penetração no território Oro Wari, nesse momento, já era bastante intensa, porém, em 1910, a borracha amazônica perde valor no mercado internacional, devido a produção sistematizada na Malásia e em outras regiões da Ásia. Esse domínio do mercado da borracha asiática perdura até a II Guerra mundial quando foi estabelecido o fim das exportações asiáticas do látex para a Alemanha e os países do Eixo. Com o

isolamento econômico da Malásia, imposto pelo Japão durante a Segunda Guerra Mundial, ocorre a revalorização da borracha amazônica no mercado internacional. Um novo ciclo migratório acontece e chega à região os soldados da borracha⁵, o que aumenta exageradamente os conflitos, com ataques de ambas as partes. O “contra-ataque” dos seringalistas (os “donos” do seringal) era comumente dirigido às aldeias, com a organização de expedições punitivas que resultavam em verdadeiros massacres. Diversas expedições dessa natureza, amplamente conhecidas pela população, publicadas e “justificadas” na imprensa local, caracterizavam os índios como “assassinos sanguinários que covardemente perseguiram aqueles que tentavam sobreviver de seu trabalho na selva”. (VILAÇA, 1992).

A partir de 1940, houve a criação de postos de atração para a pacificação e “amansamento” dos grupos que atacavam os novos moradores e a ferrovia. Diversos postos foram fundados, deslocados e posteriormente desativados, sem que seus objetivos fossem alcançados (MEIRELES, 1989). Ainda que o primeiro contato pacífico tenha oficialmente acontecido em 1956, no posto Dr. Tanajura, na margem esquerda do rio Pacaás Novos, ainda se registraram numerosos conflitos e massacres de índios ao longo dos anos seguintes, até que o último grupo arredio foi “pacificado” em 1969. O contato estável e permanente com os diversos subgrupos se deu na segunda metade da década de 1950, com a participação dos agentes do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), e diferentes instituições religiosas (MEIRELES, (1989); CONKLIN, (1989); VILAÇA, (1992)).

A peculiaridade dos Oro Wari’ está justamente nas motivações subjacentes aos seus comportamentos, de caráter antes sociológico que material (VILAÇA, 1992). Ao contrário do comportamento e motivações de diferentes etnias em outras regiões do Brasil, onde geralmente as motivações envolviam o desejo de bens, alimentos ou proteção. Os Oro Wari’, em grande parte, determinavam a natureza e a frequência dos contatos que ocorriam, algo que variou significativamente ao longo do tempo. Mudanças de comportamentos diante dos colonizadores, com a redução ou o fim das hostilidades partindo dos próprios indígenas.

⁵ **Soldados da Borracha** foi o nome dado aos brasileiros, nordestinos, que no período da Segunda Guerra Mundial foram alistados, examinados e, depois de dados como habilitados nos alojamentos, eram transportados para a Amazônia com o objetivo de extrair a borracha para os Estados Unidos da América.

Mesmo quando os não-indígenas recém-chegados apresentavam um comportamento evidentemente pacífico, os Oro Wari' eram hostis. Uma mudança na atitude dos Oro Wari' em relação aos não-indígenas acontece algumas décadas mais tarde e especificamente em um de seus subgrupos, os Oro Nao', os quais ficaram isolados na margem esquerda do rio Pacaás Novos. Nesse segundo momento, os Oro Wari' desejavam o contato com os não-indígenas, mas tratava-se, agora, de outro tipo de contato, de outro tipo de relação. Isolados dos demais subgrupos e mesmo de parte dos Oro Nao' há mais de trinta anos, buscaram não apenas o contato com os não-indígenas, mas o auxílio na busca dos demais subgrupos de quem haviam sido separados desde as primeiras décadas do século.

A região ocupada pelos Wari' em meados dos anos 50 estendia-se, no sentido norte-sul, dos rios Ribeirão e Mutum-Paraná até o médio rio Pacaás Novos e o rio Novo; no sentido leste-oeste, da serra dos Pacaás Novos até o rio Mamoré (CONKLIN, 2001). Hoje, os Oro Wari estão distribuídos em cinco Terras Indígenas (Pacaás Novos, Rio Negro-Ocaia, Lage, Ribeirão e Sagarana) administradas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Totalizam cerca de 2.721 indígenas (FUNASA, 2006) e constituem o grupo indígena mais numeroso do estado de Rondônia.

Os Mapas Mentais como Construções Sociais

Os mapas mentais se constituem numa forma de linguagem apropriada para a compreensão do espaço e suas variações e construções sociais. São representações que revelam a ideia que as pessoas têm do mundo, indo além da percepção individual e refletindo uma construção social.

Para realizar análises por meio dos mapas mentais, utilizou-se a Metodologia Kozel (2007), baseada no princípio de que cada indivíduo tem uma visão muito particular dos lugares, auxilia a perceber o simbólico construído nas relações sociais.

Os mapas sempre se constituíram a partir da percepção e representação de imagens mentais. Atualmente, vêm despertando a atenção de vários profissionais preocupados em entender os complexos aspectos do mundo atual, principalmente relacionados ao sociocultural. A geografia incorpora essa abordagem a partir do enfoque comportamental, com os mapeamentos cognitivos, passando pelo conceito de espaço

vivido, em direção às representações sociais, refletindo nessa inter-relação a Geografia das Representações, que tem nos Mapas Mentais um dos seus principais aportes metodológicos. (KOZEL, 2004, p.169)

Ao refletir sobre a ligação do homem com a terra, constata-se que esta relação é inerente a sua geograficidade. Em relação aos mapas mentais, pretende-se aplicar a Metodologia Kozel desenvolvida pela pesquisadora Salete Kozel, para análise e reflexão das representações cartográficas elaboradas pelos professores entrevistados. Conforme a autora:

[...] o mundo cultural é considerado não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem referendada no sistema de relações sociais onde estão imbricados valores, atitudes e vivências e essas imagens passam a ser entendidas como mapas mentais. [...] É nessa perspectiva que entendemos os mapas mentais: uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais.[...] Os mapas mentais revelam a ideia que as pessoas tem do mundo e assim vão além da percepção individual refletindo uma construção social. (NEER, 2007, p. 114, 115 e 117)

Tais considerações nos dirigem ao conceito de “espaço vivido”, carregado de percepções, significados e complexidades essenciais aos aspectos socioculturais das sociedades. (KOZEL, 2004)

A Metodologia proposta para a decodificação dos mapas mentais parte do pressuposto de que os mesmos se constituem em uma forma de linguagem ou enunciado, apropriada para se compreender o espaço e as suas variações e construções sociais.

A Metodologia Kozel proposta para desenvolver a decodificação da linguagem/mensagem implícita nos mapas mentais, parte do princípio que cada indivíduo tem uma visão muito particular dos lugares – que advêm do simbólico construído nas relações sociais. A proposta metodológica parte da análise das imagens tendo como parâmetro os seguintes itens: a) Quanto à forma de representação dos elementos na imagem: ícones, letras e mapas; b) Quanto à distribuição da imagem:

perspectiva, forma horizontal; c) Quanto à especificação dos ícones: elementos da paisagem natural, elementos da paisagem construída, elementos móveis e elementos humanos; d) Apresentação de outros aspectos ou particularidades: (mensagens - contrastes urbanos, aspectos sociais etc...)

Os mapas sempre se constituíram a partir da percepção e representação de imagens mentais. Atualmente, vêm despertando a atenção de vários profissionais preocupados em entender os complexos aspectos do mundo atual, principalmente relacionados ao sociocultural. A geografia incorpora essa abordagem a partir do enfoque comportamental, com os mapeamentos cognitivos, passando pelo conceito de espaço vivido, em direção às representações sociais, refletindo nessa inter-relação a Geografia das Representações, que tem nos Mapas Mentais um dos seus principais aportes metodológicos. (KOZEL, 2004, p.169)

É importante destacar que os mapas mentais estão relacionados às características do mundo real, ou seja, não são construções imaginárias, de lugares imaginários, “são constituídas por sujeitos históricos, reais, reproduzindo lugares reais, vividos, produzidos e construídos materialmente”. (KOZEL, TEIXEIRA E NOGUEIRA, 1999, p. 172)

A Noção Espacial dos Povos Indígenas.

Durante as aulas de Geografia desenvolvidas junto aos professores indígenas em processo de formação no Projeto Açai⁶, no ano de 2010, nos permitiram detectar a noção espacial de suas terras através dos mapas mentais elaborados por eles. O que é evidenciado no mapa mental abaixo elaborado pelos alunos: Robson, Marcelina, Marines e Margarete pertencentes a Terra Indígena Sagarana.

⁶ O Curso Normal em Educação Escolar Indígena a ser executado pela Secretaria de Estado da Educação de Rondônia, objetiva proporcionar formação em Magistério, nível médio, a cidadãos indígenas, propiciando-lhes o desenvolvimento de habilidades próprias ao exercício docente na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, considerando a diversidade linguística, intercultural e histórica de cada etnia. (...) Curso de Formação em Magistério Indígena, estará proporcionando qualificação de professores indígenas em Nível Médio, viabilizando uma educação que busca atender às especificidades e demandas educacionais das etnias Indígenas do Estado de Rondônia, garantindo-lhes o acesso a Educação Básica. (SEDUC/RO. Projeto Açai II, 2008, p. 5)

Embora a metodologia Kozel preveja uma construção individual, este Mapa Mental foi construído de forma coletiva, pois todos os alunos/autores moram na mesma aldeia. Como estávamos em sala de aula com aproximadamente 50 alunos e tínhamos representantes de várias etnias e ainda por haver timidez e insegurança em fazerem sozinhos, autorizamos que aqueles que morassem na mesma aldeia se juntassem e fizessem em grupo.

Está em destaque o espaço natural representado pelos rios Guaporé e Mamoré, as matas e áreas de caça, de pesca e o relevo, assim como o espaço construído da aldeia referendado pelas casas, estradas, campo de futebol, roça e o cemitério. O espaço geográfico é complementado pela representação dos limites da Terra indígena, revelando a geograficidade e as relações geográficas do povo Oro Wari com a natureza e seus espaços vividos.

De acordo com Kozel (2004), os mapas mentais são “uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais”. O mapa mental reflete esse espaço vivido numa interessante intertextualidade entre o seu “lugar”, localizações e sentidos e a forma normativa cartográfica de representar com as direções cardeais, legenda, fonte; conhecimento normativo certamente advindo das aulas de geografia.

O lugar é impregnado de significados construídos pela experiência, “ele tanto nos transmite boas lembranças quanto a sensação de lar, e a Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal”. (TUAN, 2012, p.19)

Figura 1 – Mapa Mental da Terra Indígena Sagarana.



Fonte: Alunos Projeto Açai II /2010. Robson, Marcelina, Marines e Margarete.

A Topofilia da Re-existência Oro Wari é cercada por naturezas exuberantes e ainda preservada, farturas de caça e pesca e áreas férteis para o plantio, além do território que garante a manutenção e fortalecimento da identidade e cultura do povo.

No encontro das águas dos rios Guaporé e sua foz no Rio Mamoré, as representações feitas por eles são: as águas “pretas” do Rio Guaporé representadas pela cor azul e as águas barrentas do Rio Mamoré são representadas pela cor marrom, destacando as diferenças das águas (densidade, cor, temperatura, acidez, matéria orgânica, velocidade, peso, dureza da água etc.) das duas bacias, evidenciando, ainda, a localização da aldeia à margem (direita) da Baía da Coca no Rio Guaporé; a outra margem (esquerda) é território boliviano e é representada por eles como uma área com natureza intocada, conforme pode ser visto em suas representações das matas, através do adensamento das árvores.

Neste momento, acatamos os conceitos de Dardel quando diz que é “...por seu gênero de vida, pela circulação das coisas e das pessoas, que o homem exterioriza sua relação fundamental com a Terra”, construindo a sua Geograficidade. (DARDEL, 2011, p.33).

Observamos, nesse mapa mental, as vias de acesso destacadas: fluviais e terrestres - o acesso entre a aldeia e o distrito vizinho de Surpresa (distrito de Guajará-Mirim) tem fortes relações sociais e econômicas com a comunidade indígena da aldeia Sagarana, pois é desse distrito que vem a energia elétrica que abastece a aldeia. É importante dizer que os alunos do ensino médio (1º, 2º e 3º anos) são matriculados na escola Paulo Saldanha, no distrito de Surpresa, no período noturno e o transporte é feito por ônibus escolar, levando-os e deixando-os de volta na aldeia. Também deve ser observado que a representação do distrito de Surpresa está sem nenhuma árvore, completamente desmatada, sendo uma área diferente da do território indígena ainda preservado; no distrito de Surpresa, a atividade madeireira e a criação de gado são as mais intensivas. É como diz Claval (2012, p. 13): “as distribuições no espaço e o sentido que dão ao cosmos, ao mundo, a natureza, a paisagem e a vida social é a partir de uma análise precisa de atitudes, práticas que utilizam, e valores que interiorizam.” As áreas desmatadas de roça, a “fazendinha” e os “sítios” também recebem atenção e identificam no mapa as áreas de produção, tanto da lavoura de subsistência, quanto da produção de alimentos (farinha, macaxeira, banana etc) que são comercializados nas proximidades.

As áreas de Caça e Pesca, bem como o cemitério são espaços sagrados e por isso também recebem destaque no mapa. Em muitas outras representações de mapas mentais observa-se a presença do rio, da pesca e da caça, revelando ser importantes atividades, não só alimentar, mas também cultural e de identidade tradicional indígena, enfatizando, assim, a geografia da re-existência do povo Oro Wari.

Figura 2 – Mapa Mental da Aldeia Sagarana, produzido por alunas da Escola Estadual Indígena Paulo Saldanha Sobrinho. Rondônia.



Fonte: Fabiana Ora Waram Xijein Oro Mon, Jussara Ororam Xinjein e Maripoy Arowá. Alunos do 4º e 5º Anos da Escola Estadual Indígena Paulo Saldanha Sobrinho. Rondônia, 2015.

Nesta representação espacial da aldeia Sagarana, as alunas Fabiana, Jussara, Maripoy nos revelam a sua percepção do espaço construído com as casas da aldeia, as roças, currais de criação e a rede de energia elétrica. O espaço natural é representado pelo rio, o sol sorridente irradiando calor e uma flor em meio às casas, seguido pela floresta com caças e frutos. No mapa mental o mundo cultural é evidenciado, “não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem referendada no sistema de relações sociais onde estão imbricados valores, atitudes e vivências e essas imagens passam a ser entendidas como mapas mentais”. (KOZEL, 2007, p. 169).

As representações geográficas reveladas neste mapa mental presuppõe um contexto social referendo a relação das comunidades com os aspectos históricos e o espaço vivido.

Kozel (2004) argumenta que é importante destacar os mapas mentais relacionados às características do mundo real, ou seja, eles não são construções imaginárias, de lugares imaginários, “são constituídas por sujeitos históricos, reais,

reproduzindo lugares reais, vividos, produzidos e construídos materialmente”. (KOZEL, TEIXEIRA E NOGUEIRA, 1999, p. 172)

Nota-se que no mapa mental acima foram representados um conjunto de 5 casas (do lado esquerdo do mapa) interligadas por caminhos; a casa mais próxima do rio é o “casarão” construído pelos padres, hoje essa antiga edificação serve como alojamento para os professores (não-indígenas), enfermeiros, técnicos, pesquisadores e visitantes.

Yi-Fu Tuan evidencia a importância da ideia de “centro” e “periferia” na organização espacial. “Em todos os lugares, as pessoas tendem a estruturar o espaço – geográfico e cosmológico – com elas no centro a partir daí, zonas concêntricas (mais ou menos bem definidas) com valores decrescentes”. (TUAN, 2012, p. 49). Observa-se ao centro desse conjunto de casas a representação do prédio da escola, seguido da enfermaria e outras residências. As áreas de roça e as delimitadas como áreas de criação de animais (bovinos e principalmente aves: galinha e patos) também recebem ênfase pelo fato de serem seus espaços vividos. A Topofilia Oro Wari feminina são os espaços onde as mulheres têm suas obrigações dentro da comunidade e, por isso, recebem atenção. Outro elemento a ser observado é a flor em meio ao mapa entre a escola e as casas, evidenciando a delicadeza e o carinho das meninas com escola - o olhar feminino e ainda o sol sorridente, dando a ideia de um lugar feliz e bom para se viver, um Lugar da Re-existência Oro Wari.

As áreas de caça e pesca, o rio e a floresta estão nas periferias dessa representação, pois se trata de espaços mais relacionados aos homens. (Diferença essa também percebida em representações feita por meninos.) O pé de tucumã e o “porcão” comendo o fruto no chão são indicativos de uma forte relação do povo Oro Wari com a natureza, que garantem a manutenção de suas tradições dentro desse território. Embora seja um Lugar de dificuldades, carências e sofrimentos, é representado como um bom lugar pra se viver, com sol, flores, pássaros e cores. O Lugar da Re-existência Oro Wari.

Por fim, o centro do mapa recebe destaque com a linha de energia elétrica, representada pelos postes, fios e lâmpadas. A ligação da aldeia com o mundo se faz: cultura, lazer e informação, principalmente, mas também para o beneficiamento da produção agrícola e a conservação de alimentos.

Nas aldeias é comum encontrar: geladeiras, televisões, rádios, ventiladores; com menor frequência, computadores e telefones celulares. Algumas mulheres indígenas

mais jovens utilizam *whatsapp*, possuem perfil em redes sociais, jogam futebol, são consumidoras e consultoras de produtos de beleza (Jequiti, Avon, por exemplo).

Figura 3 - Mapa Mental da Aldeia Sagarana produzido por alunos da Escola Estadual Indígena Paulo Saldanha Sobrinho. Rondônia.



Fonte: Paulo Júnior Oro Nao' e Natanael. Alunos do 4º Ano da Escola Estadual Indígena Paulo Saldanha Sobrinho. Rondônia, 2015.

Neste Mapa Mental elaborado pelos alunos Paulo e Natanael o espaço natural representado pelos rios, florestas e áreas de caça se evidencia. Conseguimos distinguir facilmente os mapas mentais elaborados por meninas e meninos; os papéis dos sexos/gêneros e a percepção nas culturas em que os papéis das mulheres e dos homens são distintos; os olhares diferenciados sobre o meio ambiente assim como as atitudes para com ele. Por isso, os mapas mentais dos homens e das mulheres são muito diferentes e, segundo Tuan (2012), referendam diferentes visões de mundo e consequentemente de percepções e apreensões do lugar.

Além do Rio Guaporé, dois igarapés que drenam a área da aldeia Sagarana também são representados, revelando as relações dos meninos com a atividade da pesca e o transporte fluvial. O rio é o principal meio de comunicação, é por onde chegam as

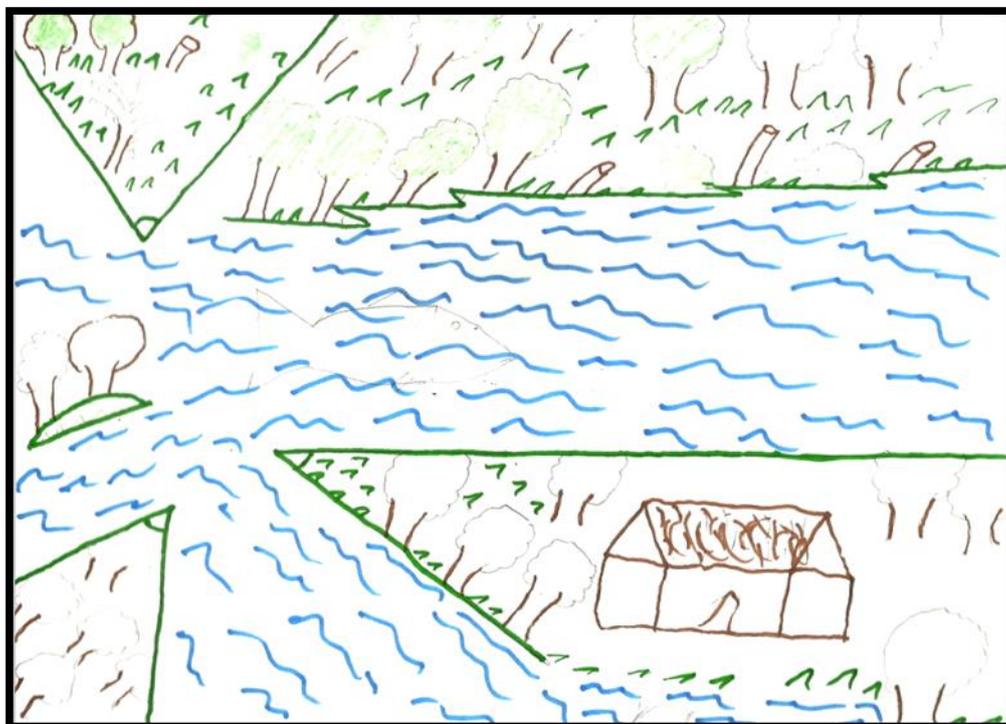
compras feitas na cidade, é por onde chegam as informações, as relações econômicas, os visitantes, os prestadores de serviço. Para os Oro Wari que vivem na aldeia Sagarana, o rio retrata referenciais afetivos do espaço vivido.

Mello (1990) destaca que o Lugar está impregnado de referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro. Eles são carregados de sensações emotivas principalmente porque nos sentimos seguros e protegidos.

Algumas áreas de caça são representadas nesse mapa mental, além de um grupo maior de casas, mostrando maior amplitude do espaço, não evidenciada pelas meninas. Para os autores deste mapa, sua aldeia significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança (RELPH, 1979).

A floresta e o relevo da região também estão representados no mapa; é possível perceber diferentes aspectos, mudanças de ambientes, vegetação densa, mata fechada, áreas desmatadas, os barreiros onde há a concentração de caça. Não foram representadas áreas de lavoura, as “fazendinhas” ou “sítios” estão representadas somente com uma casa e um cercado, os animais criados não foram representados, revelando esse outro olhar sobre as coisas e as relações de gênero na aldeia, combinando com o que outros pesquisadores como Leite (1988) e Kozel (2004) definem como “lugar” - fruto da construção de um elo afetivo entre o sujeito e o ambiente, sendo, portanto, “espaço vivido”, impregnado de percepções, significados e complexidades inerentes aos aspectos socioculturais das sociedades.

Figura 4 - Mapa Mental da Aldeia Sagarana



Fonte: Alunos (não identificados) da Escola Estadual Indígena Paulo Saldanha Sobrinho. Rondônia, 2015.

Neste mapa mental, o rio e seus meandros, margens, baias e igapós estão representados como principais “elementos”. O espaço construído, representado pela casa está às margens do rio em um ponto de encontro das águas, onde todos os “caminhos” levam para ao espaço vivido. Esse espaço de acordo com Dardel é um espaço único, pois, “o espaço geográfico tem nome próprio; tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade. Ele é sólido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste” (DARDEL, 2011 p. 02).

A casa às margens do rio Guaporé representa a existência e a realidade geográfica desse aluno que apresentou o seu LUGAR em meio às águas do rio. Concordamos com Dardel quando diz que “o homem é agenciado pelo ambiente geográfico: ele sofre a influência do clima, do relevo, do meio vegetal. Ele é montanhês na montanha, nômade na estepe, terrestre ou marinho” (p. 09).

E é assim que pode ser considerado esse representante Oro Wari quando se analisa seu mapa mental e ele mostra o rio como seu; ali ele se sente seguro, é dali que ele veio, é da beira do rio que ele vê a vida, é de onde se tira o alimento, se chega e se

vai, é do rio que vem as notícias das redondezas, o rio e seu entorno é o lugar de re-existência Oro Wari para esse aluno.

Considerações Finais

A Geografia da Re-existência do Povo Oro Wari é concebida através de símbolos, sinais, cores, intensidades e representações, a comunicação é consistente, concreta. Como sabemos, a produção de “mapas” é uma forma escrita e comunicação milenar, um aporte para o entendimento do *outro*, reconhecimento de suas diferenças e consequentemente o respeito por suas tradições.

Concluimos nosso trabalho constatando que os professores e alunos indígenas compreendem (percebem) a Geografia e a relação homem/ espaço através de mapas mentais.

Para evidenciar a geograficidade na história de re-existência do Povo Oro Wari, utilizamos os mapas mentais que revelaram as ideias dos indígenas sobre o mundo, refletindo uma construção social e revelando a geograficidade nas relações geográficas do povo Oro Wari com a natureza e seus espaços vividos.

A Topofilia da Re-existência Oro Wari é cercada por naturezas exuberantes e ainda preservada, farturas de caça e pesca e áreas férteis para o plantio, além do território que garante a manutenção e fortalecimento da identidade e cultura do povo. Isso tudo não elimina a evidência de um lugar de muitas dificuldades, carências e sofrimentos: o lugar da Re-existência Oro Wari.

A Topofilia Oro Wari feminina é representada pelos espaços onde as mulheres têm suas obrigações dentro da comunidade e a masculina preocupa-se com a sobrevivência, com a segurança, com a re-existência de seu povo.

O espaço vivido, fruto da construção de um elo afetivo entre o sujeito e o ambiente, é impregnado de percepções, significados e complexidades inerentes aos aspectos socioculturais das sociedades, revelando esse outro olhar sobre as coisas, incluindo aí as relações de gênero na aldeia.

O espaço geográfico apresenta-se como único, seja na sua modelagem, cor ou densidade. Ele limita e resiste, dando ao indígena o poder de agenciamento do ambiente geográfico - o lugar de re-existência Oro Wari. São representações sociais que refletem

a inter-relação geográfica, que tem nos Mapas Mentais um dos seus principais aportes metodológicos.

É importante destacar que os mapas mentais estão relacionados às características do mundo real, ou seja, não são construções imaginárias, de lugares imaginários, mas, sim, compostas por sujeitos históricos, reais que reproduzem seus lugares reais, vividos. A Geografia da Re-existência do povo Oro Wari é melhor concebida através de símbolos, sinais, cores, intensidades e representações. Assim, a comunicação é mais consistente e concreta.

Foi possível “ler” no cotidiano dos povos Oro Wari uma geografia da re-existência, seja nas caçadas, nas pinturas corporais ou nos animais que mais significam seu dia-a-dia. As crianças indígenas da Aldeia Sagarana portaram-se como representantes de seu povo e, ao observar suas representações, é possível evidenciar a sua territorialidade. Os alunos e alunas trazem para a escola seus conhecimentos de vida, reforçando a ideia de que “Geografia é vida e se faz no dia a dia e nas relações que se estabelece entre espaço natural e construído”.

A Metodologia utilizada para desenvolver a mensagem implícita nos mapas mentais, possibilitou a percepção de que cada indivíduo tem uma visão muito particular dos lugares e que as representações apresentam aspectos e particularidades que evidenciam os contrastes e os aspectos sociais.

Para que a educação escolar indígena seja, de fato, parte de uma escola alternativa é importante que valorizemos a criatividade e a cultura da comunidade indígena com uma visão crítica sobre a invasão cultural da sociedade envolvente. Não cabe a nós “não-indígenas” decidir unilateralmente o que e como ensinar nas escolas indígenas.

O mais importante, porém, foi perceber que os Oro Wari praticam a sua identidade o tempo todo. Para nós fica a lição de que é pedagogicamente equivocado querer tratar igualmente os desiguais.

Comprendemos, por fim, a importância da linguagem visual porque somos instigados a dar sentido e comunicar através das imagens, vivemos no mundo das imagens! E preciso construir novos saberes e novas formas de aquisição dos conhecimentos e as imagens se apresentam como uma possibilidade.

Essas foram as conclusões a que pudemos chegar a partir da análise dos dados analisados e das categorias estabelecidas para a análise. No entanto, é urgente e necessário deixar aqui minhas críticas e sugestões, principalmente depois da minha convivência de quinze dias com os povos indígenas Oro Wari, na aldeia Sagarana.

Sobre a educação escolar indígena, de um modo geral, ressalta-se a importância de não perder de vista a cultura indígena onde a figura do “velho sábio”, sempre remetida à ancestralidade, precisa ser resgatada na figura do professor: o que ensina, mas, sobretudo, o que mantém seu povo unido em torno dos saberes acumulados pela comunidade, principalmente no que se refere à língua materna.

Os direitos linguísticos dos povos indígenas são desrespeitados, pois a realidade sociolinguística dos Oro Wari é multilíngue, já que fica em região de fronteira com a Bolívia, além de utilizarem no dia a dia várias línguas, herdadas das etnias de onde são oriundos.

A respeito do ensino da Geografia, urge inserir nos currículos de formação indígena conteúdos criados a partir do conhecimento de cada etnia – um conhecimento que estaria sempre em construção e os colocaria no lugar de geógrafos de si mesmos. Levar em conta os direitos linguísticos, principalmente das crianças em escolas indígenas é reconhecer a sua realidade e valorizar a sua língua como língua de instrução.

O verdadeiro sentido das escolas indígenas está no reconhecimento das diferenças e do respeito às experiências em relação ao tema. É natural que os povos indígenas sintam-se à margem desse processo, uma vez que não foram chamados a discutir sobre assunto que lhes diz respeito.

Referências

- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz Frigazzola Pimenta e Margareth de Castro Pimenta Afech. 3ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- CLAVAL, Paul. *Do Olhar do Geógrafo a Geografia como estudo do Olhar dos Outros*. Université de Paris – Sorbonne. In: KOZEL, Salette. **As representações simbólicas e os mapas mentais na Geografia**. Apostila do DINTER em Geografia UNIR/UFPR, 2012.
- CHRISTOFOLETTI, Antônio. *As características da nova geografia*. In: **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985
- CONKLIN, Beth Ann. **Images of health, illness and death among the Wari'. (Pakaas Novos) of Rondônia, Brazil**. San Francisco, University of California, 1989. 583p. Tese de Doutorado.

- CONKLIN, Beth Ann. 2001. **Consuming grief. Compassionate cannibalism in an Amazonian society**. Austin: University of Texas Press.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução Werther Holzer. – São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GURGEL DO AMARAL, Gustavo. **Geografia da Re-Existência: Conhecimentos, Saberes e Representações Geográficas na Educação Escolar Indígena do Povo Oro Wari – RO**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná / UFPR, 2016.
- KERN, Barbara (1996). **Dicionário Português-Oro Nao (Wari')**. Versão preliminar. Guajará- Mirim: Novas Tribos do Brasil.
- KOZEL, Salette. *Das “velhas certezas” a (re)significação do geográfico*. In **Geografia ciência do complexo: ensaios transdisciplinares** / Aldo Aloísio Dantas da Sila e Alex Galeno (org.) Porto Alegre: Sulina, 2004.
- KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas IN: Kozel, S. Costa e Silva, J. Gil Filho, S. F. (orgs.) **Da Percepção e cognição à representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem, 2007.
- KOZEL, S. T; NOGUEIRA, A. *A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida*. In: Revista do Departamento de Geografia. FFLCH/USP. São Paulo. N. 3, 1999. P. 239-257.
- LEITE, Adriana Figueira. **O lugar: duas acepções geográficas**. Anuário do Instituto de Geociências: UFRJ, v. 21, 1998.
- LEITE, M.S. *Transformação e persistência: antropologia da alimentação e nutrição em uma sociedade indígena amazônica* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.
- MEIRELES, Denise Maldí. **Guardiães da Fronteira – Rio Guaporé, Século XVII**. Petrópolis, Vozes, 1989, 213p.
- NIMUENDAJU, Curt. **Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju**. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.
- MELLO, J. B. F. *Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo*. Revista Brasileira de Geografia, São Paulo. n. 52, p. 91-115, 1999.
- RELPH, E. C. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. Geografia, 4 (7): 1-25. 1979.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente** / Yi-Fu Tuan; tradução: Lívia de Oliveira. – Londrina: Eduel, 2012.
- VILAÇA, Aparecida. **Comendo como gente: formas do canibalismo Wari (Pakaa-Nova)**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1992.
- VON GRAEVE, Bernard. *The Pacaa Nova: clash of culture on the Brazilian frontier*. Ontario, Broadview Press, 1989. 160p.

Sites consultados:

- <<http://www.pauloherndes.pro.br/dicas>>. Acesso em 20/11/2015.
- <<http://www.funai.gov.br/index.php/apresentacao-guajara-mirim>> Acesso em: 21/11/15.
- <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/wari/860>> Acesso em: 21/11/15

Recebido: 20/1/2017. Aceito 20/6/2017.

Sobre o autor e contato:



Gustavo Gurgel do Amaral - Doutor em Geografia pela UFPR. Docente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Pesquisador nos Grupos de Pesquisa NEER e GEPIAA. E-mail: gustavogurgeldoamaral@hotmail.com